

# Princípios de Fonologia Histórica



Roman Jakobson



ROMAN JAKOBSON

PRINCÍPIOS DE FONOLOGIA HISTÓRICA

*editora*  
Curt  imuendajú  
2008

**Série**  
Clássicos Acadêmicos  
**Tradução**  
Wilmar da Rocha D'Angelis  
**Revisão**  
Gilberto Machel Veiga D'Angelis  
**Capa e Diagramação**  
Eduardo Alves Vasconcelos

---

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do IEL - Unicamp / CRB 8/6934

---

J213p      Jakobson, Roman, 1896-1982.  
Princípios de fonologia histórica / Roman Jakobson;  
tradução de Wilmar R. D'Angelis. -- Campinas:  
Curt Nimuendajú, 2008.  
64 p. -- (Clássicos Acadêmicos)

**ISBN: 978-85-99944-11-0**

Traduzido do alemão, francês e inglês.

1. Lingüística. 2. Lingüística histórico-comparativa.  
3. Fonologia. 4. Círculo Lingüístico de Praga.  
5. Estudos tipológicos. I. D'Angelis, Wilmar, 1957-.  
II. Título.

---

Direitos dessa edição

**Editora Curt Nimuendajú**  
Caixa Postal 6100  
13083-970 - Campinas - SP - Brasil  
Tel/Fax: 55 (19) 3287-0461  
e-mail: editora@curtnimuendaju.com  
Site: www.curtnimuendaju.com.

1ª edição, 2008

# Sumário

APRESENTAÇÃO

7

PRINCÍPIOS DE FONOLOGIA HISTÓRICA

11

ESTUDOS TIPOLÓGICOS E SUA CONTRIBUIÇÃO

À LINGÜÍSTICA HISTÓRICO-COMPARATIVA

43

SOBRE O AUTOR

61



# APRESENTAÇÃO

*Daqui a algumas dezenas de anos,  
seremos chamados, sem qualquer piedade,  
de gente do milênio passado.  
Tínhamos apenas cantos apaixonantes sobre o futuro  
e, de repente, esses cantos,  
frutos da dinâmica do presente,  
transformaram-se em fatos da história literária.*  
Roman Jakobson  
*A geração que esbanjou seus poetas<sup>1</sup>*

O lingüista Roman Jakobson não se tornou — como parecia predizer nas palavras da epígrafe — um homem do milênio passado (muito menos, do século XIX — já que ele escreveu essas palavras em 1930, indignado pela morte do poeta e amigo Mayakóvski). No que se refere à lingüística, Jakobson tem, até hoje, espaço garantido e insubstituível em qualquer biblioteca que, sem ele, é deficitária.

Há diversos trabalhos de Jakobson traduzidos para o Português<sup>2</sup>. Faltava-nos, porém, uma edição brasileira desse breve, mas importantíssimo ensaio, intitulado *Princípios de Fonologia Histórica*, originalmente publicado em alemão nos *Travaux du Cercle Linguistique de Prague* (1931). Trata-se de obra ainda atual porque ainda necessária, por sua contribuição original à Lingüística Histórica, muitas vezes praticada, nos dias atuais, nos moldes da Lingüística Histórico-Comparativa do século XIX. O Círculo de Praga demarcou a distinção entre sua concepção lingüística dos fatos diacrônicos, com relação àquela tradicional, apontando esta última como *atomista* e *individualista* (ou *não-universalista*).

No segundo dos ensaios aqui publicados, Jakobson resume a concepção de sua escola numa frase curta:

*Mudanças em um sistema lingüístico não podem ser compreendidas sem referência ao sistema que as sofre.*

Por evidente que possa parecer tal afirmação, muitas práticas correntes em nosso país não costumam coadunar-se com a visão pragueana, sobretudo porque, em nosso ensino universitário, 'vingou' (até aqui) uma concepção de Fonologia tributária da Fonêmica norte-americana.<sup>3</sup>

Por contribuir igualmente a uma renovação da Lingüística Histórico-Comparativa, esse pequeno volume inclui também uma (nova) tradução do ensaio intitulado: *Os Estudos Tipológicos e sua contribuição para a Lingüística Histórico-Comparativa*, originalmente publicado em 1958. Nesse ensaio, Jakobson mostra que os estudos tipológicos (que garantem, para ele, a imprescindível perspectiva universalista) tornam-se o fiel da balança para aceitação ou recusa de soluções construídas nas reconstituições históricas.

Como em ciência também há modismos que vêm e passam, ler e estudar os clássicos parece ser a melhor forma de garantir uma formação consistente – nos chamados fundamentos da lingüística – às novas gerações de estudantes e pesquisadores nessa área. Ao traduzir e publicar esses ensaios, pretendemos contribuir nesse sentido.

Wilmar da Rocha D'Angelis<sup>4</sup>

# Princípios de Fonologia Histórica

É compreensível que, de início, a atenção dos fonólogos se concentrasse principalmente nos conceitos primários da nova disciplina: sobre os fonemas, suas relações recíprocas e seus arranjos. Mas tão logo, em um estágio de desenvolvimento ulterior da Fonologia, essas questões de princípio foram sendo estabelecidas, o caráter espacial dos fenômenos fonológicos (ou seja, a Geografia Fonológica) e a questão do seu caráter e seu desenvolvimento temporal (ou seja, a Fonologia Histórica) ganharam um necessário novo exame. Tentaremos esboçar, em forma de ensaio preliminar, os fundamentos da fonologia histórica.<sup>1</sup>

## I. Método Integral

Na Fonética histórica tradicional, tipicamente as mudanças fonéticas eram tratadas isoladamente, ou seja, sem tomar em conta o sistema que sofria essas modificações. Esse tipo de metodologia era comum na visão de mundo que predominava naquela época: o empiricismo rasteiro dos neogramáticos, que via qualquer sistema, e em particular o sistema lingüístico, como a soma mecânica de suas partes (*Und-Verbindung*) e jamais como uma *unidade formal* (*Gestaltseinheit*), para usar os termos da moderna psicologia.<sup>2</sup>

A fonologia opõe, ao método atomista-isolacionista dos neogramáticos, um *método integral*. Cada fato fonológico é tratado como um todo parcial, que se integra a outras parcialidades semelhantes, em diferentes níveis mais elevados. Logo, o primeiro princípio de Fonologia Histórica será: *qualquer mudança deve ser tratada com referência ao sistema no qual ela acontece*. Uma mudança fônica só pode ser compreendida esclarecendo-se seu papel no sistema da língua.

Suponha-se que uma mudança fônica ocorreu. Alguma coisa modificou-se no interior do sistema fonológico? Algum contraste fonológico foi perdido? Qual foi? Novas distinções fonológicas foram adquiridas? Quais? Ou, finalmente, permanecendo o inventário das oposições fonológicas totalmente inalterado, a estrutura das oposições particulares foi reconfigurada? Dito de outra forma: o lugar de uma determinada oposição foi modificado, seja nas suas relações recíprocas com outras oposições, seja na sua característica diferencial? Cada unidade fonológica no interior de um sistema deve ser examinada tomando em conta as suas relações recíprocas com todas as outras unidades do sistema, antes e depois da mudança fônica considerada.<sup>3</sup>

### Exemplo 1

Em Russo Branco<sup>4</sup> *t'* mudou para *c'* e, de maneira similar, *d'* para *ʃ'*.<sup>5</sup> Se descrevermos a mudança de *t'* para *c'*, devemos deixar claro, primeiramente, as relações do fonema *t'* com os outros fonemas do sistema ao qual ele pertencia, tais como *t*, *d*, *d'*, *s*, *s'*, *c* e assim por diante; e em segundo lugar, as relações do fonema *c'* com os outros fonemas do sistema em questão, ou seja, com os fonemas não modificados: *t*, *d*, *s*, *s'*, *c*, etc., e com o fonema recém criado, *ʃ'*.<sup>6</sup>

## II. Mudanças sonoras não fonológicas (extra-fonológicas)

Uma mudança sonora pode não ter a ver com mudança fonológica. Ela pode, simplesmente, aumentar o número e diversidade de variantes combinatórias<sup>7</sup> de um fonema:

### Exemplo 2

Em muitos dialetos do Grão-Russo, *ɛ* mudou para *e* (vogal média fechada) antes de uma consoante palatalizada.

### Exemplo 3

O fonema *r* tornou-se palatalizado ao final da palavra em certos dialetos noruegueses.

Ou, ao contrário, uma das variantes combinatórias é generalizada, fundindo duas variantes em uma única:

### Exemplo 4

Em muitos dialetos meridionais do Grão-Russo, o fonema *a* não acentuado realizava-se como [a] antes de vogais fechadas acentuadas, e como uma vogal de abertura média [ɐ] antes de vogais abertas acentuadas. Em alguns desses dialetos, mais tarde, a variante [a] foi generalizada. As formas fonéticas contemporâneas *m'ílá* (varrido), *p'iták* (moeda: 5 kopeck<sup>8</sup>), etc., atestam, por isso, que a forma fonética [va'da] foi precedida pela forma fonética [vɐ'da]: a vogal média que apareceu depois da consoante palatalizada acabou coalescendo com a realização do fonema *i* no mesmo ambiente. Uma mudança fonológica, portanto, teve lugar aqui: o fonema *a* não acentuado foi substituído, na posição acima indicada, pelo fonema *i* não acentuado. Conseqüentemente, a unificação ulterior das variantes do fonema *a* não poderia estender-se a esses casos.

### Exemplo 5

Em certos dialetos eslavos, uma obstruinte labial sonora (ou vozeada) realiza-se como labiodental *v* antes de vogal, e em todas as outras posições como bilabial *w*. Mas na maioria dos dialetos eslavos, uma dessas duas variantes (geralmente *v*) foi generalizada.

Por fim, a variante fundamental de um fonema pode modificar-se foneticamente, com o sistema de fonemas permanecendo o mesmo, e as relações entre aquele fonema e todos os demais ficando inalteradas. Tal mudança deve ser considerada, igualmente, como extra-fonológica:

### Exemplo 6

Existem dialetos do Russo que possuem um sistema de vogais acentuadas compreendendo sete fonemas. Alguns desses dialetos apresentam o seguinte sistema de vogais acentuadas:

i		u
ie		uo <sup>9</sup>
	ε	o
	a	

Nos outros dialetos do mesmo tipo, em lugar dos ditongos *uo* e *ie*, encontramos as vogais *o*, *e*, que parece um fenômeno secundário: *o*, *e* ocupam, no sistema, o mesmo lugar que *uo* e *ie*. Conseqüentemente, a substituição de um desses pares de vogais pelo outro [os ditongos pelas vogais simples ou vice-versa] não muda nada no sistema fonológico.

### III. Mutações fonológicas

Nos casos em que uma mudança fônica se manifesta no sistema fonológico, ela pode ser considerada como o veículo de uma *mutação fonológica* ou de um feixe de mutações fonológicas. Empregamos o termo “mutação” para salientar que as mudanças fonológicas ocorrem em saltos:

#### Exemplo 7

No Russo meridional, *o* não acentuado funde-se com *a*. Talvez tenham existido graus intermediários: *o* se transformou em um *o* muito aberto, em seguida em um *o*<sup>a</sup> [= *o*] e finalmente em um *a*, ao perder, progressivamente, seu arredondamento. Porém, do ponto de vista fonológico, não existem, aqui, senão duas etapas: 1. *o* (*o*<sup>a</sup>, *o*<sup>o</sup>) distingue-se de *a*, sendo eles, dois fonemas diferentes; 2. a implementação de *o* não se distingue mais de *a*, de forma que os dois fonemas fundem-se em um único. Não existe uma terceira.

*A fórmula* da mutação fonológica é:<sup>10</sup>

$$A:B > A1:B1$$

Devem-se distinguir duas categorias principais de mutações: ou apenas uma das relações é fonológica ( $A:B$  ou  $A_1:B_1$ ) e a outra não; ou ambas o são: tanto  $A:B$  como  $A_1:B_1$  são variantes distintas da mesma relação fonológica. A primeira categoria divide-se, por sua vez, em dois tipos: *a supressão de uma distinção fonológica pode ser chamada “defonologização”, e o surgimento de uma distinção fonológica, “fonologização”*.<sup>11</sup>

#### IV. Defonologização

$A$  e  $B$  são mutuamente opostos, fonologicamente, enquanto entre  $A_1$  e  $B_1$  não há distinção fonológica.

Ao analisar uma defonologização, devem-se formular as seguintes questões: Qual é a natureza da oposição fonológica  $A:B$ ? Trata-se de uma disjunção ou de uma correlação?<sup>12</sup> Tratando-se de um par correlativo, sua perda representa um caso particular de um processo mais geral (isto é, a perda de toda uma correlação), ou a correlação permanece? Qual é a natureza da relação extra-fonológica  $A_1:B_1$ ? É uma relação de variantes, e de qual tipo: combinatórias? estilísticas? Ou se trata de uma identidade fonética (duas realizações semelhantes de um único e mesmo fonema)? Se a relação  $A_1:B_1$  é uma relação de variantes extra-fonológicas,  $A_1$  é foneticamente semelhante a  $A$ , e  $B_1$  foneticamente semelhante a  $B$ , e apenas as condições em que um dos dois aparece é que são modificadas. Mas se  $A_1$  é foneticamente similar a  $B_1$ , então ou  $A_1 \neq A$  e  $B_1 \neq B$ , (o que significa que  $A$  e  $B$  fundiram-se em um certo som  $C$ , que se distingue foneticamente tanto de  $A$  como de  $B$ ), ou  $A_1 \neq A$  e  $B_1 = B$  (ou seja,  $A > B$ ). Portanto, a classificação dos tipos de defonologização precisa tomar em consideração as relações existentes entre os fonemas antes da mutação, as relações entre os seus reflexos (os sons que resultam da mutação), e as relações existentes entre cada som resultante e seu protótipo. Consideremos alguns exemplos de defonologização:

Uma disjunção pode resultar numa relação de variantes combinatórias:

### Exemplo 8

Em alguns dialetos grão-russos do norte, dois fonemas em disjunção — *e* átono e *a* átono — alternam-se, em variação combinatória de um mesmo e único fonema: depois de consoantes palatalizadas, esse fonema é realizado como *e*, e depois de consoante não palatalizada, como *a*. Tal defonologização foi realizada da seguinte forma: *a* tornou-se *e* depois de consoantes palatalizadas (*p'aták* > *p'eták*, *p'at'í* > *p'et'í*), enquanto *e* tornou-se *a* depois de consoantes não palatalizadas (*žen'ix* > *žan'ix*).

Uma disjunção pode resultar em uma relação de variantes estilísticas combinatórias:

### Exemplo 9

Os fonemas *ʒ* e *z* fundem-se, na maioria dos dialetos japoneses, em um único fonema: em posição inicial e depois de nasal, esse fonema é realizado como *ʒ*; entre vogais, em fala descuidada, por *z*; e em um modo de falar mais monitorado ou cuidadoso, por *ʒ* (Polivanov 1928:35).

Uma disjunção pode resultar em uma identidade ( $A > B$ ):

### Exemplo 10

Certos dialetos do Polonês reagruparam duas séries de consoantes — (1) *š*, *ž*, *č*, *ǰ*; (2) *s*, *z*, *c*, *ǰ* — em uma série única: *š* > *s*, *ž* > *z*, *č* > *c*, *ǰ* > *ǰ*. Conseqüentemente, *š*: *s* > *s*:*s*, e assim por diante.

Uma disjunção pode resultar em identidade ( $A > C$ ,  $B > C$ ):

### Exemplo 11

Em vários dialetos do Russo Central e Setentrional as palatalizadas *s'* e *z'* fundiram-se com *š* e *ž*<sup>13</sup>, que ainda não tinham perdido sua palatalização, produzindo consoantes intermediárias, nomeadamente as palatalizadas dorsais *š̂* e *ž̂*.<sup>14</sup>

Um par correlativo pode resultar em uma relação de variantes combinatórias (a correlação é eliminada):

**Exemplo 12**

O par  $b:p$  e todas as outras oposições entre obstruintes surdas e sonoras perdem seu caráter fonológico em Tschuwasch<sup>15</sup>: entre um fonema vozeado (isto é, todas as vogais e as consoantes sonoras) e uma vogal,  $b$  e as outras consoantes vozeadas foram generalizadas; em todas as outras posições,  $p$  e as demais consoantes surdas foram generalizadas.

Um par correlativo torna-se uma identidade (e a correlação é eliminada:  $A > B$ ):

**Exemplo 13**

No Eslovaco oriental<sup>16</sup>,  $\bar{a}$  (longo) confundiu-se com  $a$  (breve), e todas as outras vogais longas foram igualmente abreviadas: a correlação de quantidade vocálica foi eliminada.

**Exemplo 14**

No Proto-Eslavo<sup>17</sup> as consoantes aspiradas perderam sua aspiração e confundiram-se com as não aspiradas correspondentes.

Um par correlativo torna-se uma identidade (mas a correlação é mantida:  $A > B$ ):

**Exemplo 15**

Em uma parte dos dialetos do Ucrâniano e do Russo Branco, a consoante palatalizada  $r'$  tornou-se não palatalizada  $r$ . Os outros pares de consoantes que constituem a correlação de palatalização permaneceram intactos.

É característico que, na eliminação da correlação, via de regra, é justamente o termo correlativo marcado que é eliminado<sup>18</sup>: no exemplo 13, a duração vocálica; no exemplo 14, a aspiração de consoantes; e no exemplo 15, o  $r'$  palatalizado.

**V. Fonologização**

Entre  $A$  e  $B$  não existia distinção fonológica, mas entre  $A_1$  e  $B_1$  essa diferença existe. Ao analisar um processo de fonologização, as seguintes questões devem ser colocadas:  $A_1$  e  $B_1$  representam uma disjunção ou um par correlativo? Se são um par correlativo,

a mudança é apenas uma ampliação de uma correlação já existente, ou é parte de um fenômeno mais geral: o surgimento de uma nova correlação?

Com respeito à relação entre *A* e *B*, Polivanov e Van Ginneken consideram a existência de variação não fonológica uma condição indispensável de qualquer fonologização. Efetivamente, uma relação de identidade entre *A* e *B*, pelo visto, é excluída. Conseqüentemente, do ponto de vista fonético,  $A_i = A$  e  $B_i = B$ . Muito freqüentemente, *A* e *B* são variantes combinatórias.

Uma variação combinatória torna-se uma disjunção:

### Exemplo 16

Em Letão, *k* e *g* tornavam-se *c* e *ɟ* antes de vogais anteriores.<sup>19</sup> Os sons *k* e *c* (e, respectivamente, *g* e *ɟ*) eram variantes combinatórias de um único e mesmo fonema. Depois da passagem do ditongo *ai* para *i* em sílabas finais, *k* passou a ser possível na mesma posição onde aparecia *c*, ou seja, *k* e *c* tornaram-se fonemas disjuntivos.<sup>20</sup>

Uma variação combinatória se torna um par de fonemas correlativos (e se cria uma nova correlação):

### Exemplo 17

Em alguns dialetos do Letão, as consoantes dentais tornavam-se palatalizadas diante de vogais anteriores. Elas eram, pois, variantes combinatórias dos fonemas dentais. Mas uma vez que, sob certas condições, as vogais inacentuadas desapareceram, formou-se uma oposição fonológica entre as consoantes palatalizadas que usualmente precediam as vogais anteriores nesse contexto (átomo) e as correspondentes consoantes não palatalizadas.<sup>21</sup> Assim, nesses dialetos se estabeleceu uma correlação de palatalização nas consoantes.<sup>22</sup>

Uma variação combinatória torna-se um par de fonemas correlativos (de uma correlação que já existe):

### Exemplo 18

Em Polábio antigo<sup>23</sup>, o fonema *x* era representado, antes de certas vogais, por uma fricativa velar surda *x*, e antes de outras vogais como uma fricativa palatal surda *ç*. Eram, então, duas variantes combinatórias, que passaram a dois fonemas autônomos quando as vogais médias fracas e as vogais baixas se fundiram em *a*, produzindo-se a diferença em palavras como fem. *sauxa* e neutro *sauça*. O par *ç:x* foi incorporado à correlação de palatalização que já existia em Polábio.<sup>24</sup>

Existem também exemplos de fonologização nos quais a relação *A:B* é de variação estilística. Essa variação pode, pouco a pouco, ser lexicalizada, ou seja, a variante afetiva do fonema consolida-se por meio de palavras que são, na maior parte das vezes, pronunciadas com uma coloração emotiva. Tais palavras compõem um estrato estilístico especial no vocabulário da língua em questão. Então, aos poucos, o caráter afetivo desaparece em várias dessas palavras, e a respectiva variante do fonema perde sua motivação emocional e é sentida como um fonema à parte.

### Exemplo 19

Meillet observou o reflexo característico de um processo expressivo no léxico do Latim: a geminação de consoantes. Consoantes geminadas, que eram estranhas ao léxico mental do Indo-Europeu, representam um fenômeno comum em palavras que carregam uma nuance afetiva. Elas foram fixadas por estas palavras, e quando elas perderam seu valor sentimental e foram neutralizadas, as consoantes geminadas se conservaram como fonemas específicos.<sup>25</sup>

Exemplos semelhantes, onde uma variante de um fonema é transformada em fonema independente são relativamente raros, mas há uma outra série de fenômenos, relacionada àqueles, que é amplamente empregada. Quando uma língua empresta palavras estrangeiras, ela as acomoda parcialmente ao seu próprio sistema de fonemas e mantém, parcialmente, os

fonemas da língua estrangeira. Palavras contendo tais fonemas ainda são sentidas como palavras estrangeiras, ou seja, como pertencentes a um nível estilístico particular. Mas, ocasionalmente, tais palavras começam a entrar no vocabulário geral, e a língua, então, se enriquece com novos fonemas cujo caráter estrangeiro deixa de ser sentido. Os fonemas estrangeiros que as línguas tomam mais facilmente são aqueles que se incorporam às correlações já existentes.

### Exemplo 20

O Russo, como as outras línguas eslavas, emprestou um considerável número de palavras estrangeiras contendo o fonema *f*. Nos casos em que havia uma tendência a ‘russificar’ completamente a palavra emprestada tendo um *f*, esse fonema foi substituído por *xv*, *x* ou *p*. O fonema *f* era uma indicação do caráter estrangeiro de uma palavra, e algumas vezes ele foi introduzido em palavras emprestadas onde ele não tinha lugar, por exemplo, *kufárka* em lugar de *kuxárka* (*cozinheira*), e assim por diante. Mas, gradualmente, uma parte das palavras que mantinham um *f* foram assimiladas às palavras nativas russas – por exemplo, *fónár’* (*lanterna*), *lif* (*cintura [de um casaco]*), *flin* (*bufo real*), *Féd’a* (*Ted*), etc. – e os arquifonemas básicos russos /*v*, *v’*/ se enriquecem com dois novos fonemas: /*v*, *v’*, *f*, *f’*/.<sup>26</sup>

## VI. Refonologização

Ao lado da defonologização e da fonologização, existe ainda um outro grupo de mutações fonológicas, a saber, a *refonologização*: a reorganização de uma distinção fonológica em uma outra distinção fonológica, diferente, que se coloca, frente ao sistema fonológico, em uma relação distinta da primeira. Tanto *A* e *B* quanto *A*<sub>1</sub> e *B*<sub>1</sub> se opõem fonologicamente, mas a estrutura fonológica dessas oposições é diferente. A principal diferença entre a refonologização e os casos acima citados de mudanças fônicas extra-fonológicas (exemplos 5 e 6) está nessa reorganização da estrutura fonológica.

Existem três tipos de refonologização: (1) A transformação de um par de fonemas correlativos em uma disjunção; (2) A transformação de uma disjunção em um par de fonemas correlativos; (3) A transformação de um par pertencente a uma correlação, em um par pertencente a outra correlação. Deve-se sempre considerar se trata-se do surgimento: (a) de um único par de fonemas correlativos, ou (b) da própria correlação.

*1a.* Um par de fonemas correlativos torna-se uma disjunção (e a correlação é mantida):

### Exemplo 21

Em Polonês antigo, o *r'* palatalizado passou a *ř* chiente<sup>27</sup>. Os outros pares da correlação de palatalização se conservaram.

### Exemplo 22

Nas regiões meridionais das línguas Eslavas do Noroeste e do Leste, *g* tornou-se uma fricativa *ɣ* com o mesmo ponto de articulação, e sua relação com *k*, que era parte de uma correlação, tornou-se parte de uma disjunção.

*1b.* Um par de fonemas correlativos torna-se uma disjunção (e a correlação é eliminada):

### Exemplo 23

Em Italiano, *b<sup>h</sup>* tornou-se *f* e, de forma semelhante, cada uma das outras oclusivas aspiradas transformou-se em uma simples fricativa, mas todos os fonemas resultantes viriam a se juntar no reflexo em *f*, à exceção de *x*, que originou-se de *h*.

### Exemplo 24

No Tcheco antigo, a correlação de palatalização consonantal foi eliminada. Os sons palatalizados *s'*, *z'* perderam sua palatalização. A mesma coisa aconteceu, sob certas condições, com as labiais palatalizadas, que em outras condições foram transformadas em grupos de "labial não palatalizada + /j/". As oposições entre os fonemas *t*, *d*, *n* e os correspondentes fonemas palatalizados foram refonologizadas: a oposição de

fonemas correlativos mudou-se em diferença disjuntiva entre consoantes apicais e palatais.<sup>28</sup>

**2a.** Uma disjunção torna-se um par de fonemas correlativos (a correlação já existindo previamente):

### Exemplo 25

A palatal  $\hat{g}$  do Indo-Europeu resultou no  $z$  do Eslavo Antigo, ou seja, tornou-se o som vozeado correspondente do fonema  $s$ .

### Exemplo 26

A passagem de  $g$  a  $\gamma$ , que é peculiar a uma parte das línguas eslavas (ver exemplo 22), forneceu um correspondente sonoro ao fonema  $x$ , que antes formava um par disjuntivo com  $g$ .

Não conheço exemplos da criação de uma nova correlação pela refonologização de um par disjuntivo (**2b**), nem de casos em que um par de fonemas correlativos separou-se de uma correlação existente e juntou-se a uma outra correlação, ou seja, modificou sua marca de diferenciação (**3a**).

**(3b)** Uma correlação se transforma em uma outra correlação. As formas da mutação desse gênero são muito variadas:

### Exemplo 27

Segundo a descrição de Meillet, um completo feixe de refonologizações modificou as correlações consonantais do Armênio.<sup>29</sup> A oposição entre consoantes vozeadas aspiradas e não aspiradas, do Indo-Europeu, tornou-se uma oposição entre surdas e sonoras: as vozeadas aspiradas resultaram em simples sonoras, e as antigas sonoras simples em consoantes surdas. A oposição, no Indo-Europeu, entre surdas simples e surdas aspiradas foi substituída por uma distinção de surdas aspiradas em *fortis* e *lenis* (ou *tensas* e *distensas*): as surdas aspiradas *fortis* provém das surdas aspiradas, e as surdas aspiradas *lenis* provém das surdas simples. É característico que a série marcada da correlação de consoantes aspiradas foi substituída por duas séries marcadas das novas correlações (consoantes vozeadas e consoantes *fortis*).

### Exemplo 28

Certos dialetos do Polonês substituíram a oposição das vogais *a* e *ɔ* pela oposição *æ* e *a*.<sup>30</sup> Essa modificação de um só par de fonemas correlativos significa uma mudança na marca distintiva de toda uma correlação: no primeiro caso, existe a correlação que opõe vogais não arredondadas a arredondadas; no segundo caso, a correlação é entre vogais anteriores e vogais posteriores.<sup>31</sup> Todas as outras oposições da correlação permitiam as duas interpretações: *ɛ-ɔ*, *e-o*, *i-u*. Nesses pares, um dos termos é foneticamente oposto ao outro: tanto como vogal clara vs. escura (respectivamente, não arredondada vs. arredondada), quanto como vogal molhada vs. não molhada (respectivamente, anterior vs. posterior).<sup>32</sup>

Deve-se separar, das refonologizações que acabamos de discutir, os casos de fusão de duas correlações existentes, ou seja, os casos onde todos os pares existentes de uma correlação terminam por coincidir com os pares existentes de uma outra correlação, que é um tipo de defonologização.

### Exemplo 29

Em Proto-Tcheco, a oposição entre vogais longas ascendentes e vogais longas descendentes foi transformada em uma oposição entre vogais longas e breves. As vogais com entonação descendente foram identificadas com vogais breves (defonologização). É característico que a série não marcada da correlação melódica (de tom) coincidiu com a série igualmente não marcada da correlação de quantidade.

## VII. Mutações de associações (grupos) de fonemas

*Existem mudanças fônicas que não modificam o inventário de fonemas de uma língua, mas apenas seu inventário de grupos de fonemas. Como a estrutura fonológica de uma língua é caracterizada não apenas pelo repertório de fonemas, mas também pelo repertório de grupos de fonemas, uma mudança fônica que altera grupos admissíveis de fonemas de uma dada língua*

constitui um fato fonológico do mesmo modo que as modificações do inventário de fonemas. Existem dois tipos diferentes de mutações fonológicas:

### Exemplo 30

Em vários dialetos grão-russos, o grupo “*é + consoante palatalizada*” foi transformado no grupo “*í + consoante palatalizada*”. Desse modo, foi defonologizada a relação entre o primeiro grupo e um antigo grupo “*í + consoante palatalizada*”. A relação entre o primitivo grupo “*é + consoante palatalizada*” e, por exemplo, “*ó + consoante palatalizada*” foi refonologizada; e a relação entre as variantes combinatórias do fonema “*é*” (uma vogal fechada antes das consoantes palatalizadas e uma vogal aberta nas outras posições) foi fonologizada. O repertório de fonemas não foi modificado, mas uma combinação de fonemas foi perdida na língua.

Se as mutações de grupos de fonemas por si só não modificam o sistema de fonemas, em contrapartida elas se manifestam no funcionamento dos fonemas. A frequência de uso dos diferentes fonemas é alterada e possivelmente também o seu grau de rendimento.

### Exemplo 31

A mudança considerada no exemplo 30 caracteriza um aumento na frequência do fonema “*í*” e um correspondente descréscimo na frequência do fonema “*é*”. Reduz-se o rendimento funcional da oposição fonológica *é-í*, porque esses fonemas podiam, antes, opor-se um ao outro independentemente do que os seguia. Depois dessa mutação, no entanto, eles podem opor-se apenas quando nenhuma consoante palatalizada os segue. Mas é relativamente raro o aparecimento de “*é*” nessa posição: “*é*” passou a “*ó*” antes de consoantes não palatalizadas; em posição final, em alguns casos “*é*” passou a “*o*”; e em outros, passou a “*á*”; quando não seguido por uma consoante palatalizada, “*é*” aparece nesses dialetos apenas como reflexo do ditongo *ie* (= *jat*’).

Seria uma simplificação perigosa superestimar o papel do fator estatístico na evolução da língua, mas também não podemos deixar de atentar a que a lei dialética da passagem de quantidade para qualidade também participa. A baixa frequência e o débil rendimento funcional de uma distinção fonológica naturalmente favorece sua perda.

### Exemplo 32

No dialeto Sérvio refletido na gramática de Brlić, a oposição dos dois tipos de acento sobre uma sílaba breve era possível apenas em sílaba inicial depois de uma pausa.<sup>33</sup> A limitação do campo de uso, sem dúvida contribuiu para a supressão dessa oposição. Uma vez realizada essa supressão, ela serviu como estímulo para uma completa evolução acentual, na realidade, em vários dialetos sérvios.

## VIII. Mudanças na extensão dos grupos de fonemas

Todos os casos de mudanças fonológicas que nós temos examinado são caracterizados por um traço comum: todos os termos dessas mutações são iguais quanto à sua extensão. Se  $A$  e  $B$  são fonemas,  $A_1$  e  $B_1$  também são; se  $A$  e  $B$  são grupos de fonemas,  $A_1$  e  $B_1$  são grupos de fonemas da mesma extensão. Mas não é menos importante, do ponto de vista da Fonologia Histórica, que existam mutações nas quais o reflexo  $A_1$  (i.e., o  $A_1$  resultante) não é igual, por sua extensão fonológica, ao seu protótipo  $A$ .

*1. Um fonema cinde-se em um grupo de fonemas. Conseqüentemente, a distinção entre dois fonemas transforma-se em uma distinção entre um grupo de fonemas e um fonema (refonologização):*

### Exemplo 33

O fonema longo *ie* (= *jat'*, longo) se transformou, em uma parte dos dialetos servo-croatas, num grupo dissilábico de dois fonemas *i + e*. No lugar da disjunção *ie-i*, e assim por diante, entra uma oposição entre o grupo de fonemas "i + e" e o fonema *i*, etc.

### Exemplo 34

Em Ucrâniano, as labiais palatalizadas têm se transformado no grupo “labial + /j/” antes de “a”. Assim, o par de fonemas correlativos  $p':p$  passou a  $pj:p$  (relação entre um grupo de fonemas e um fonema); a disjunção  $p':j$  passou a  $pj:j$ .

A diferença entre um fonema e um grupo de fonemas pode se transformar em uma identidade de dois grupos de fonemas (defonologização):

### Exemplo 35

Em Ucrâniano, o grupo  $pj$  que se originou de  $p'$  (ver exemplo 34) coincidiu com o antigo grupo “ $p + /j/$ ” (“labial + /j/”). Compare-se, por exemplo,  $pjat'$  (vindo de  $p'at'$ ) e  $pjanyj$  (com o antigo  $pj$ ).

É possível também o rearranjo de variantes combinatórias em uma oposição entre um grupo de fonemas e um fonema (fonologização):

### Exemplo 36

$p'$  antes de  $i$  e  $p'$  antes de  $a$  (ver exemplo 34) eram originalmente, em Ucrâniano, variantes combinatórias de um único fonema  $p'$  (o grau de palatalização era diferente, dependendo da vogal seguinte). Com a passagem de  $p'$  antes de  $a$  para  $pj$ , fonologizou-se a relação entre as duas variantes.

II. *Um grupo de fonemas é transformado em um fonema.* Existem duas possibilidades:

a) O resultado da transformação constitui um fonema que, antes dela, já estava disponível no sistema:

### Exemplo 37

Nas línguas eslavas do Leste e do Sudoeste, o grupo  $dl$  mudou para  $l$ . O reflexo é idêntico a um dos fonemas do grupo original. Por um lado, existe aqui uma defonologização, ou seja:  $dl:l$  passa a  $l:l$ . Por outro lado, uma refonologização, qual seja,  $dl:n$  passa a  $l:n$ , etc.

**Exemplo 38**

Em Latim, o grupo *dw* tornou-se *b* quando inicial. O reflexo não é idêntico a nenhum dos fonemas do grupo original. A relação de *dw* para *b* foi defonologizada, enquanto sua relação com os outros fonemas foi refonologizada.

*b)* O resultado da transformação constitui um fonema que, até então, era desconhecido no sistema.

**Exemplo 39**

Em Servo-Croata, os grupos *tj*, *dj* passaram a *c*, *ǰ* (oclusivas palatais). Esse processo caracteriza uma refonologização da relação entre *tj*, *dj* e todos os outros fonemas existentes na língua.

**Exemplo 40**

Em Kirghiz, após a coalescência entre as antigas vogais longas e as breves<sup>34</sup>, formaram-se novas longas pela contração de grupos de fonemas, como por exemplo, em *er* ('sela'), distinto de *er* = 'homem' (compare-se com Uzbek *egær* = 'sela'). Ou, por exemplo, em *tō* ('montanha') originado de *taw* (< \**taʁ*<sup>35</sup>). Essa contração de um grupo de fonemas produziu, aqui, uma nova correlação de fonemas.

**Exemplo 41**

A transformação, em Francês, dos grupos de fonema "vogal + *n*" em vogais nasais, introduziu, no sistema fonológico, uma correlação de nasalidade em vogais.

**Exemplo 42**

Em certos dialetos do Chinês uma transformação dos grupos "vogal + oclusiva" em vogais com oclusão glotal (o chamado quinto tom das vogais, segundo a terminologia chinesa) produziu uma nova correlação prosódica.<sup>36</sup>

As numerosas mutações do tipo *dl* > *l* (ver exemplo 37) representam uma redução de um grupo de fonemas a um só fonema. A transformação de um fonema em um zero fônico

pode ser limitada a grupos de fonemas específicos, mas também pode ser mais geral. O primeiro é um caso particular do mesmo tipo de mutação: não importa qual o grupo de fonemas, ele perde o fonema em questão.

### Exemplo 43

Certos dialetos do Servo-Croata perderam o fonema laríngeo *h* (reflexo do *x* do Eslavo Antigo): ele desapareceu em todas as posições. Trata-se de um caso particular da tendência que se manifesta nesses dialetos de dividir todas as fricativas em pares opostos de surda e sonora.

O fenômeno inverso evidentemente não existe, ou seja: um *zero* fônico não pode, sob quaisquer circunstâncias, transformar-se em um fonema.

## IX. Estrutura de um feixe de mutações

Quando se descobre a existência de várias mutações ocorrendo ao mesmo tempo, pode-se analisar o feixe completo dessas mutações como um todo. O nexos entre essas mutações não é acidental: elas são intrinsecamente associadas umas às outras. As leis que definem suas relações recíprocas precisam ser esclarecidas. Uma dessas leis, que é muito fecunda para o desenvolvimento dos princípios de fonologia histórica, foi estabelecida por Polivanov: as fonologizações *“jamais se concretizam sem que sejam acompanhadas por uma outra inovação”*; *“em um prodigioso número de casos, uma divergência [R] = fonologização é acompanhada de uma ou outra convergência [R] = defonologização e se revela ditada por ela”*.<sup>37</sup> Aqui tem-se em vista a fonologização de variantes combinatórias, e a aplicação dessa lei é, de fato, sem exceções. Do ponto de vista das mutações de grupos de fonemas, essa combinação de fonologização e defonologização pode ser considerada como uma refonologização: uma diferença é substituída por outra diferença. Essa combinação de mutações se distingue da refonologização “simples” em um único aspecto: na refonologização de (simples) fonemas, os reflexos dos fonemas que, antes da mudança, se

opunham fonologicamente, permanecem como portadores da oposição fonológica. Em contrapartida, em uma “refonologização de grupos de fonemas” a marca diferenciadora dos grupos de fonemas permanece, mas a função distintiva passa de certos fonemas a outros, como por exemplo, aos fonemas vizinhos dos mesmos grupos de fonemas.

#### **Exemplo 44**

Em certos dialetos chineses, as consoantes sonoras e as consoantes surdas fundiram-se. A correlação de vozeamento das consoantes foi substituída por uma correlação de tom nas vogais seguintes: o tom baixo da vogal substituiu o caráter sonoro da consoante precedente, e o tom alto corresponde, ao contrário, ao caráter surdo da consoante em questão.<sup>38</sup> A diferença de tom (*pitch*), antes uma variação combinatória, tornou-se uma propriedade correlativa.

#### **Exemplo 45**

Nos dialetos ucranianos do Noroeste, dos quais é descendente o dialeto do distrito de Kornicy, na antiga província de Sedlec<sup>39</sup>, o fonema “á” apresentava-se, depois de consoantes palatalizadas, como um ditongo “ia” (variante combinatória). A subsequente despalatalização de “r” produziu a oposição fonológica “ia-a” depois de “r”, e por conseguinte, “ia” tornou-se um fonema independente. O esquema dessa mutação seria, em transcrição fonológica:  $r'á:rá > ria:rá$ .<sup>40</sup>

## **X. Mudança de funções**

Ao contrário da fonologização de variantes combinatórias, a fonologização de variantes estilísticas não está ligada a uma defonologização (ver exemplos 19 e 20). Em outras palavras, no quadro de um sistema pertencente a um único estilo de fala, não existe nenhuma fonologização que não seja compensada por defonologização. A tendência a multiplicar as diferenças fonológicas é estranha a um “dialeto funcional” isolado; tal fonologização independente só é possível como resultado

da interação entre dois dialetos funcionais, dois estilos de fala diferentes. A fonologização de uma diferença fônica é compensada, nesse caso, pela perda de seu valor estilístico. Realiza-se, aqui, uma mudança funcional, uma troca de funções.

Ao que parece, também a defonologização é frequentemente baseada na troca de funções, particularmente nos casos de defonologização isolada, isto é, a que não está ligada a nenhuma outra mutação. A defonologização pode ser uma generalização de um fenômeno que, originalmente, constituiu uma peculiaridade de um estilo particular de fala, como por exemplo, da fala rápida ou descuidada. Um fenômeno que marca um determinado estilo de fala, como um discurso de tom particularmente emocional, pode ser transposto a um estilo de fala que não comporta essa nuance, e ser transformado em um tipo de norma lingüística.

#### Exemplo 46

Como atestam os gramáticos russos do século XVIII, o dialeto das classes instruídas de Moscou ainda distinguia o ditongo "ie" como um fonema particular, mas na fala descuidada e rápida ele já se confundia com é. Um fenômeno similar foi observado pelos dialetologistas: o apagamento dos limites entre "ie" e "é", "uo" e "ó" no modo de falar fluente e descuidado<sup>41</sup> dos dialetos russos que, em princípio, ainda conservam a diferença entre esses fonemas.<sup>42</sup> Esse é o primeiro estágio na perda de uma diferenciação; o segundo estágio será o deslocamento na relação entre o estilo descuidado de fala e o estilo cuidadoso.

#### Exemplo 47

A confusão de *e* átono com *i* átono que, em nossa visão, se produz no dialeto de Moscou, só era realizada, primeiramente, na fala informal e descuidada. A distinção entre os dois fonemas era ainda sentida como a norma, mas a geração seguinte generalizou o estilo *allegro* do vocalismo átono como norma lingüística.<sup>43</sup>

Deixando-se de lado as relações recíprocas entre os diferentes estilos de fala, percebe-se que a tendência não apenas à expansão, mas também à redução de diferenças fonológicas é exterior à língua. *No quadro de um dialeto funcional isolado, não se pode falar nem de ampliação nem de redução de um sistema fonológico, mas somente de reestruturação, ou seja, de sua refonologização.*

## XI. Interpretação das mutações

Já temos indicado que é apenas por meio do método “integral” que se pode descrever uma mudança fônica. Deve-se investigar quais são as distinções fonológicas que sofreram modificação, quais são as que se mantêm intactas e de que modo o rendimento funcional e o uso de todas essas distinções foi alterado. Além disso, deve-se considerar a mudança fônica em suas relações com os sistemas fônicos de diferentes funções. Contudo, a descrição das mutações não esgota a fonologia histórica. Temos ainda, diante de nós, a tarefa de interpretar as mutações.

A descrição fornece dados sobre dois estados da língua: antes e depois da mutação, e nos permite colocar a questão da direção e do sentido da mutação. Assim que essa questão é colocada, passamos do campo da diacronia para o campo da sincronia. A mutação pode ser objeto de pesquisa sincrônica nos mesmos moldes que o são, os elementos lingüísticos invariáveis. Seria um grave erro considerar *estático* e *sincrônico* como sinônimos. O corte estático é uma ficção: ele é apenas um procedimento científico que nos auxilia, mas não um modo particular da realidade (da língua). Podemos considerar a percepção de um filme não apenas diacronicamente, mas também sincronicamente. Contudo, o aspecto sincrônico de um filme não é igual a uma imagem isolada extraída de uma película. A percepção do movimento é ainda presente no aspecto sincrônico. O mesmo vale para a língua.

O trabalho de Saussure nos poupa de ter que provar que a consideração da língua, do ponto de vista sincrônico, é um modo de conhecimento teleológico. *Quando consideramos*

uma mutação lingüística no contexto da lingüística sincrônica, nós a introduzimos na esfera dos problemas teleológicos. Disto segue, necessariamente, que o problema da finalidade aplica-se a uma cadeia de mutações sucessivas, ou seja, à lingüística diacrônica. Este é, propriamente falando, o resultado lógico do caminho pelo qual entraram, há algumas décadas, os Neogramáticos, na medida em que eles fizeram os primeiros esforços para emancipar a ciência lingüística da metodologia das ciências naturais do seu tempo, e em particular, dos clichês quase darwinistas propagados por Schleicher e seus discípulos.

Quando a ruptura do equilíbrio de um sistema precede uma dada mutação, e o resultado dessa mutação é uma supressão do desequilíbrio, nós não temos nenhuma dificuldade para descobrir a função dessa mudança: sua tarefa é *restabelecer o equilíbrio*. No entanto, quando uma mutação restabelece o equilíbrio em um ponto do sistema, ela pode romper o equilíbrio em um outro ponto e, conseqüentemente, provocar a necessidade de uma nova mudança. Assim, produz-se, freqüentemente, toda uma cadeia de mutações estabilizadoras:

### Exemplo 48

A queda das vogais reduzidas, nas línguas eslavas, provocou o surgimento de uma correlação de palatalização nas consoantes. Todas as línguas eslavas têm a tendência de desassociar a correlação de palatalização de consoantes, da correlação de tom das vogais, suprimindo uma das duas oposições. As línguas eslavas que suprimiram a correlação de tom (isto é, a oposição entre entonação ascendente e descendente) em favor da correlação de palatalização, colocaram-se diante de duas alternativas: renunciar à distinção de quantidade vocálica, ou renunciar à acentuação livre, uma vez que essas duas correlações são incompatíveis em uma língua sem correlação melódica (monotonal). Certas línguas eslavas têm tomado a primeira alternativa; outras, a segunda.<sup>44</sup>

Mas seria um erro limitar o sentido de cada mutação fonológica ao restabelecimento de equilíbrio. Se o sistema fonológico da linguagem intelectual, com efeito, normalmente

almeja o equilíbrio, a ruptura do equilíbrio, em contrapartida, constitui um elemento da linguagem emocional (ou afetiva) e da linguagem poética.<sup>45</sup> É por isso que a descrição fonológica estática atenta menos contra a realidade nos casos em que o objeto dessa descrição é um sistema lingüístico intelectual.

A capacidade expressiva da fala afetiva é obtida por meio de uma ampla exploração das diferenças fônicas extra-fonológicas existentes na língua em questão, mas no mais alto grau de afetividade a fala necessita de recursos mais eficazes, e não se detém sequer diante da deformação da estrutura fonológica: por exemplo, diferentes fonemas se fundem, pois a pronúncia é modificada com vistas a superar o automatismo da fala indiferente; a ênfase chega até à violação das correlações prosódicas disponíveis; certos fonemas são “engolidos” em razão da aceleração do ritmo. Tudo isso é favorecido pelo fato de que na linguagem afetiva a informação cede lugar à emotividade e, por essa razão, o valor fonológico de certas diferenças fônicas é atenuado. Do mesmo modo, a função poética impele a língua a suplantar o automatismo e a imperceptibilidade da palavra, e isso conduz, igualmente, a deslocamentos na estrutura fonológica.

### Exemplo 49

B. Miletic nota que em Štokaviano (Servo-Croata), sob a influência de ênfase, a entonação “descendente” das vogais breves muda-se em uma entonação “ascendente”.<sup>46</sup>

### Exemplo 50

Algumas vezes, o apagamento de diferenças fonológicas serve para satisfazer a necessidades estéticas; por exemplo, o dialeto russo de Kolyma caracteriza-se pela tendência a substituir os fonemas *r* e *l*, e em particular os palatalizados *r'* e *l'*, pelo fonema *j*. Essa pronúncia é designada, ali, pelo termo *sladkoglasije* (fala doce). O observador presume que a maior parte da população pode articular facilmente, sem qualquer dificuldade, *r'*, *l'*, etc., mas consideram essa pronúncia feia.<sup>47</sup>

As diferentes funções da linguagem estão intimamente ligadas, e a troca de funções é constante. Por isso, o sentido de equilíbrio e a simultânea tendência para sua ruptura constituem propriedades indispensáveis de tudo o que compõe a língua.

A interrelação do estático e do dinâmico é uma das antinomias dialéticas mais fundamentais que caracterizam a idéia de língua. Não se pode conceber a dialética do desenvolvimento lingüístico sem reportar-se a essa antinomia. As tentativas de identificar *sincronia* com *estático* e com o domínio de aplicação da *teleologia* por um lado, e por outro, *diacronia* com *dinâmico* e com a esfera da *causalidade mecânica*, restringe ilegitimamente o quadro da sincronia, faz da lingüística histórica um aglomerado de fatos isolados e cria a ilusão, superficial e nociva, de um abismo entre os problemas da sincronia e da diacronia.

## Notas

1. O modo como se originou a Fonologia Histórica não será examinado aqui.
2. Ver, por exemplo, K. Koffka (*Psychologie – Die Philosophie in ihren Einzelgebieten*. Berlin, 1925:531ss): “A condição sob a qual se está apto a compreender uma identidade, e de maneira geral uma relação, é que os dois termos não podem ser simplesmente justapostos, mas devem ser vistos como parte de uma forma. Estando, antes, isolados em relação um ao outro, agora estão ligados entre si, e se influenciam, afetando-se reciprocamente”.
3. NT: na versão em alemão, a frase continua com: *cause ou não, essa mudança, uma alteração da realização fonética da unidade fonológica sob confronto*.
4. NT: tradicionalmente distinguem-se três línguas no ramo Eslavo Oriental: o Russo Branco (ou Bielo-Russo), o Russo propriamente (também chamado Grão-Russo) e o Ucrâniano (ou Ruteno).
5. NT: mantivemos aqui o tradicional diacrítico indicador de palatalização (t', c' etc.), como aparece no texto original de Jakobson. Na forma da notação atual do IPA, corresponderia a t<sup>j</sup>, c<sup>j</sup> etc.
6. Para interpretar fonologicamente uma mudança fônica é necessário conhecer exatamente o sistema fonológico da língua em questão e sua evolução. Por esse motivo, extraio meus exemplos sobretudo da história das línguas eslavas, porque sua evolução fonológica me é particularmente familiar.
7. NT: a terminologia é ‘pragueana’, obviamente. “Variantes combinatórias” correspondem aos “alofones em distribuição complementar” da terminologia estruturalista norte-americana (Fonêmica).
8. NT: o kopeck é a centésima parte de um Rublo.
9. O ditongo *uo* provém de *o* com entonação ascendente; *ie* do ditongo proto-eslavo *ě* (*jat'*).
10. NT: nessa fórmula, como em todo o restante do texto, o símbolo > tem o valor usual com que é empregado em Lingüística Histórica, devendo ser lido como: “passa a”.
11. Considero os termos “fonologização” e “defonologização” mais apropriados que as designações “divergência” e “convergência”, que Polivanov

empregou em seus notáveis estudos sobre defonologização (“Iz teorii fonetičeskix konvergencij”, *Sbornik Turkestanskogo Vostočnogo Instituta v čest’ prof. A. E. Šmidta*, Taškent, 1923, p. 106-115, e “Faktory fonetičeskoj èvoljucii jazyka, kak trudovogo processa”, *Učenyje zapiski Instituta jazyka i literatury*, 1928, III, p. 20-42), porque em linguagem científica, estes últimos são usualmente associados a uma outra significação. Em Biologia, por exemplo, por ‘convergência’ se entende a aquisição de características semelhantes por dois organismos diferentes, sem preocupação de saber se trata-se de organismos aparentados ou não (ver, por ex., L. Berg, *Nomogenez, ili evoljucija na osnove zakonomernostej* Petrogrado, 1922, cap. IV). Também na Lingüística designamos por ‘convergência’ fenômenos similares no desenvolvimento independente de línguas diferentes (ver Meillet, “Convergence des développements linguistiques”, *Linguistique historique et linguistique générale*. Paris, 1921, p. 61-63).

12. NT: *Disjunção* e *Correlação* são termos (emprestados à lógica) adotados pelo Círculo de Praga, e aparecem já na “Proposição ao Primeiro Congresso Internacional de Lingüistas” (Haia, 1928), assinada por Jakobson, Karcevski e Trubetzkoy. Posteriormente, Trubetzkoy, em seus *Grundzüge der Phonologie* (1938), abandona a distinção, considerando “que o termo ‘disjunção’ era improdutivo na sua formulação original, muito genérica”. A noção de *correlação*, no entanto, manteve-se. Trubetzkoy a definiu como “a soma de todos os pares correlativos caracterizados pela mesma marca de correlação”, devendo-se entender por *marca de correlação*, “uma propriedade fonológica cuja presença ou ausência caracteriza uma série de pares de correlação, como, por exemplo, a nasalidade vocálica” (cf. Trubetzkoy, *Princípios de Fonologia*. Campinas: Ed. Curt Nimuendajú).
13. NT: na notação do IPA: *f* e *ʒ*, respectivamente.
14. NT: em alemão: *mouillierten dorsalen*. O texto em inglês mantém a descrição (*palatalized dorsals*), substituindo os símbolos da edição alemã pelos do IPA, *ç*, *ʒ* (para fricativas palato-alveolares). Parece-nos que a descrição é mais compatível com fricativas palatais *ç*, *j*.
15. Língua da República da Tchuváschia, cerca de 500 km a leste de Moscou, na margem sul do Volga.
16. NT: a versão francesa repete a informação da versão alemã (*Ostslowakischen* = *slovaque oriental*), mas a versão em inglês menciona “*western Slovak*”. Na

impossibilidade de se conhecer o grau de responsabilidade de Jakobson nas alterações feitas na edição inglesa, optamos pela primeira versão do texto, em alemão.

17. NT: em alemão: Im Urslavischen. As versões francesa e inglesa dizem: Em Esloveno comum.
18. Ver N.S. Trubetzkoy, *Die phonologischen Systeme* (TCLP VI, 1931), p. 97.
19. NT: erroneamente, a versão inglesa menciona, nessa passagem, “before back vowels”.
20. Ver J. Endzelin, *Lettische Grammatik* (Heidelberg, 1923), § 89.
21. NT: a variação [t' + v.anterior átona] ~ [t + v.não anterior átona] passou à oposição t' + # x t + #.
22. Ver J. Endzelin, *Lettische Grammatik* (Heidelberg, 1923), § 90.
23. NT: Polábico ou Polabiano foi a mais ocidental das línguas eslavas, falada por populações da margem esquerda do baixo Elba.
24. N.S. Trubetzkoy, *Polabische Studien*. Viena, 1929, p. 38s, 91s, 123.
25. A. Meillet, *Esquisse d'une histoire de la langue latine*. Paris, 1928, p. 166-168.
26. NT: sobre a noção de arquifonema, Jakobson remete o leitor ao *Projeto de Terminologia Fonológica Padronizada*, proposto por ele e publicado no mesmo volume (TCLP IV). Essa noção, e a de neutralização, foi exaustivamente discutida por Trubetzkoy nos *Princípios de Fonologia* (cap. V, sobretudo).
27. NT: tradicionalmente dividiam-se as fricativas em “chiantes” e “sibilantes”.
28. Comp. R. Jakobson, *Über die phonologischen Sprachbünde* (TCLP, IV), p. 236.
29. Ver A. Meillet, *Esquisse d'une grammaire comparée de l'arménien classique*. Viena, 1903, p. 7ss; *Les dialectes indo-européens*. Paris, 1922, caps. X, XI e XIII.
30. Ver K. Nitsch, “Dyalecty języka polskiego”, *Encyklopedia Polska*, III, Dział III, Część II, p. 264.
31. NT: Jakobson remete ao texto *Über die phonologischen Sprachbünde* (no mesmo TCLP, IV), p. 235; porém, na versão alemã (de 1931), ele ainda empregava expressões como “correlação de escuridão” (*Dunkelheitskorrelation*) e de “palatalização” (*Mouillierungskorrelation*, do francês *mouillée* = ‘molhado’). Na seqüência, mantivemos a versão

alemã, uma vez que são feitas as devidas correspondências, pelo próprio Jakobson, à terminologia fonética hoje corrente.

32. Esse exemplo é igualmente instrutivo de um outro ponto de vista. Por exemplo: o par *i-u* permaneceu inalterado ( $A_i=A$ ,  $B_i=B$ ), e as condições de existência dos dois fonemas não se modificaram. Não obstante, a substituição do par *v-a* pelo par *æ-a* bastou para provocar – por causa das leis estruturais do sistema – uma refonologização de todos os outros pares.
33. Cf. R. Jakobson, *Die Betonung und ihre Rolle in der Wort- und Syntagmaphonologie (TCLP, IV)*, p. 176.
34. NT: na versão alemã: *após a coalescência das vogais longas e breves do turco vulgar*.
35. Polivanov, *Vvedeniye v jazykoznanije* (Leningrado, 1928, pg. 196).
36. NT: na versão alemã: *eine Tonbruchkorrelation der Vokale entstanden* = “originou-se uma correlação de *ruptura de timbre* (ou *timbre partido*) das vogais”.
37. “Faktory fonetičeskoj ...” (ver nota 11), 1928, p. 38.
38. Ver B. Karlgren, *Etudes sur la phonologie chinoise*. Stockholm, 1915, caps. 14 e 16.
39. Ver N. Jančuk, “Kornickij govor b. Konstantinoskogo ujezda Sedleckoj gub.”, *Trudy post. komissii po dialektologii russkogo jazyka*, 1927, IX, p. 13ss.
40. Ver também os exemplos 16-18, que são casos típicos de refonologização de grupos de fonemas. Assim, no exemplo 16 a relação *i : ai* foi defonologizada; no exemplo 17, *ti : tθ > t'θ : tθ*, etc ( $\theta$  = zero fônico).
41. NT: no original: *Allegro*.
42. Ver N. Durnovo, *Dialektologičeskija razyskanija v oblasti velikorusskich govorov*, Tomo I, fasc. 2, 1918, p. 53ss.
43. Em *Remarques sur l'évolution phonologique du russe* (Praga, 1929, p. 48s.) interpretei a queda das vogais reduzidas fracas (ditas semi-vogais) do Eslavo como uma generalização do estilo descuidado de fala.
44. Tenho descrito esse ciclo de fenômenos mais detalhadamente em *Remarques sur l'évolution phonologique du russe*, TCLP, II (Praga, 1929).
45. NT: é preciso ter em mente que Jakobson não vê as línguas como meros sistemas ou esquemas mentais, mas como instrumentos da ex-

pressão e comunicação humanas, sendo que os usos, literário e poético, eram os tópicos de maior interesse para os formalistas russos; daí sua preocupação, nessa passagem, em opor “sistema lingüístico intelectual” (*intellektuelles Sprachsystem*) — que diz respeito a um emprego referencial da linguagem — a “linguagem emocional” e “linguagem poética” (*emotionellen und dichterischen Sprache*).

46. *O srbo-chrvatských intonacích v nářečí štokavském*. Praga, 1926, p. 13-14, 20.

47. V. Bogoraz, “Oblastnoj slovar’ kolymnskogo russkogo narěčija”, *Sbornik otdělenija russkogo jazyka i slovestnosti*, Imperatorskoj Akademii Nauk, (IAN), LXXIII, n. 4, p. 7.



## II

# Os Estudos Tipológicos e sua contribuição à Linguística Histórico-Comparativa

*Typological Studies and their contribution to Historical Comparative Linguistics* foi publicado em 1958 nos *Proceedings of the VIIIth International Congress of Linguists* – Oslo, 1957. Tradução a partir da reprodução constante nos *Selected Writings I – Phonological Studies* (The Hague: Mouton, 1962, p. 523-532). Existe uma versão brasileira anterior, em tradução feita por Mattoso Câmara Jr e por ele inserida na coletânea *Fonema e Fonologia* (Rio de Janeiro, 1972).

# Os Estudos Tipológicos e sua contribuição à Lingüística Histórico-Comparativa

A precursora afirmação de Alf Sommerfelt<sup>1</sup>, que abre minha monografia sobre as leis fonéticas gerais<sup>2</sup>, ainda é de vital importância: “*Não há diferenças de princípio entre os sistemas fonéticos do mundo*” ou — para colocar em termos mais gerais — entre os sistemas lingüísticos.

## I. Os falantes comparam as línguas.

Como nos recordam os antropólogos, uma das coisas mais significativas sobre a comunicação humana é que não há povo, por primitivo que seja, que não possa dizer: “*Aquela gente tem uma língua diferente. Eu a falo ou não falo; eu a compreendo ou não compreendo*”. E como acrescenta Margaret Mead, os povos concebem a língua “*como o aspecto suscetível de aprendizagem, do comportamento de outros povos*”.<sup>3</sup> A troca de código (*code-switching*) entre línguas só pode acontecer — e de fato acontece — porque as línguas são isomórficas, ou seja: princípios comuns subjazem a suas estruturas.

Falar sobre uma língua estrangeira, em uma comunidade lingüística, assim como qualquer fala sobre a linguagem em si, é denominado “*metalinguagem*” pelos lógicos. Como tentei mostrar em minha comunicação de 1956 à Sociedade Lingüística

da América (Linguistic Society of America)<sup>4</sup>, a metalinguagem, assim como a língua-objeto, é uma parte do nosso comportamento verbal e, portanto, um problema lingüístico.<sup>5</sup>

Com sua rara perspicácia para os temas aparentemente simples e negligenciados, Sapir escreveu sobre nós, como falantes: “*Nós podemos... dizer que todas as línguas diferem umas das outras, mas que algumas diferem muito mais que outras. Isso equivale a dizer que é possível agrupá-las em tipos morfológicos*”<sup>6</sup> (e, pode-se acrescentar: fonológicos e sintáticos). Para nós, como lingüistas, escreveu: “*seria muito fácil aliviar-nos da tarefa de pensar criativamente, e estabelecer que cada língua tem uma história única, e portanto, uma estrutura única*” (1921:121).

## II. Atraso e progresso nos estudos tipológicos.

O fracasso de Friedrich Schlegel na tentativa de estabelecer uma tipologia básica das línguas, e seu equívoco na proposição da família das línguas Indo-Européias, não descarta o problema em questão, mas ao contrário, reclama por sua adequada solução. As primeiras especulações sobre parentesco lingüístico logo abriram espaços aos primeiros ensaios e resultados do método histórico-comparativo, enquanto as questões tipológicas conservaram, por longo tempo, um caráter especulativo e pré-científico. Enquanto os agrupamentos genéticos de línguas faziam progressos extraordinários, o tempo ainda não estava propício para a classificação tipológica. A primazia dos problemas genéticos no contexto intelectual do século XIX deixou uma marca peculiar nos esboços tipológicos daquela época: os tipos morfológicos foram concebidos como estágios evolutivos. A “doutrina de estágios” de Marr [1864-1934] (*učenie o stadial’nosti*) foi, talvez, a última sobrevivente dessa tendência. Mas mesmo com uma orientação quase genética, a tipologia foi posta sob suspeita pelos Neogramáticos, uma vez que qualquer estudo tipológico implica em uma técnica descritiva, e qualquer abordagem descritiva era banida como não científica pela orientação dogmática dos *Prinzipien der Sprachgeschichte*.<sup>7</sup>

É bastante natural que Sapir, como um dos pioneiros da lingüística descritiva, advogasse uma investigação dos tipos de estrutura lingüística. Mas a elaboração de uma técnica para a descrição compreensiva das distintas línguas absorveu a atenção da maior parte dos investigadores no novo campo: qualquer comparação era suspeita de distorcer os critérios intrínsecos dos estudos monográficos sobre cada língua em particular. Custou algum tempo dar-se conta que uma descrição dos sistemas sem sua taxonomia, do mesmo modo que uma taxonomia sem descrição dos sistemas particulares, é uma flagrante contradição em termos: uma implica na outra.

Se, no período entre guerras, qualquer referência concreta à tipologia provocava cétricas advertências sobre *“até onde a tipologia pode levar um bom lingüista a desencaminhar-se”*<sup>8</sup>, atualmente a necessidade de estudos tipológicos sistemáticos é cada vez mais percebida. Alguns exemplos notáveis: Bazell, como de costume pleno de novas e frutíferas sugestões, esboçou um programa de tipologia lingüística com respeito às relações sintáticas<sup>9</sup>; Milewski foi o primeiro a propor um notável e provocador ensaio sobre *“tipologia fonológica de línguas indígenas americanas”*<sup>10</sup>; Greenberg, um proeminente nome em lingüística genética, retomou a iniciativa de Sapir na abordagem tipológica da morfologia<sup>11</sup> e examinou os três métodos principais de classificação lingüística: genético, areal e tipológico.<sup>12</sup>

O método genético lida com parentesco, o areal com afinidade, e o tipológico com isomorfismo. Contrariamente ao parentesco e à afinidade, o isomorfismo não envolve, necessariamente, nem o fator tempo, nem o fator espaço. O isomorfismo pode relacionar estágios diferentes de uma mesma língua ou dois estágios (simultâneos ou temporalmente distantes) de duas línguas diferentes, sejam elas contíguas ou remotas, sejam aparentadas ou não.

### III. A base da tipologia é o sistema, não um inventário.

A questão retórica de Menzerath (1950:698) – um dos inventivos pioneiros da tipologia – sobre se um determinado nível de uma língua “*é meramente uma multidão acumulada ou está articulado por alguma estrutura*”<sup>13</sup>, tem recebido uma resposta inequívoca na lingüística moderna. Falamos de sistema gramatical e sistema fonológico de uma língua, das leis de sua estrutura, da interdependência de suas partes, e entre as partes e o todo. Para compreender esse sistema, uma mera lista de seus componentes é insuficiente. Assim como o aspecto sintagmático da língua apresenta uma hierarquia complexa de constituintes mediatos e imediatos, também o arranjo das entidades lingüísticas no seu aspecto paradigmático é, por sua vez, caracterizado por uma estratificação múltipla. Uma comparação tipológica de vários sistemas deve ter em conta essa hierarquia. Qualquer intervenção arbitrária, qualquer afastamento da ordem dada e observável, leva a classificação tipológica ao fracasso.

O princípio da distribuição ordenada tem suas mais profundas raízes na gramática e na fonologia, e nós obtemos clara evidência dos progressos alcançados quando relemos o *Cours* de Ferdinand de Saussure, o primeiro homem que compreendeu completamente o significado do conceito de sistema para a lingüística, mas que, ao mesmo tempo, deixou de ver a ordem obrigatória em um sistema nitidamente hierárquico como os paradigmas de casos gramaticais: “*É por um ato puramente arbitrário que os gramáticos os agrupam de uma maneira e não de outra*”.<sup>14</sup> Mesmo um caso obviamente inicial como o nominativo, o “caso zero”, ocupa, na opinião de Saussure, um lugar arbitrário no sistema de casos.

A tipologia fonológica, como Greenberg afirmou, não pode permanecer como “*um simulacro da um tanto vaga terminologia da fonética tradicional*”. Para obter uma tipologia dos sistemas fonêmicos<sup>15</sup> é logicamente necessário submetê-los a uma análise consistente: “*a presença de certas relações entre os próprios elementos ou classes de elementos é empregada como critério*”.<sup>16</sup>

Uma tipologia, seja de sistemas gramaticais, seja de sistemas fonológicos, não pode ser obtida sem submetê-los a uma reformulação lógica que proveja a máxima economia por meio de uma rigorosa extração de redundâncias. Uma lingüística tipológica baseada em traços arbitrariamente selecionados não pode produzir resultados satisfatórios; não mais do que nos daria uma classificação do reino animal que, em lugar da produtiva divisão em vertebrados e invertebrados, mamíferos e pássaros, etc., empregasse o critério de cor da pele e, com base nisso, agrupasse juntos, por exemplo, pessoas brancas com porcos claros.

O princípio dos constituintes imediatos não é menos produtivo para a análise do aspecto paradigmático do que para a análise de sentenças. Uma tipologia baseada nesse princípio revela, por trás da diversidade dos padrões fonológicos e gramaticais, uma série de elementos unificadores, e restringe substancialmente uma variedade que parece infinita.

#### **IV. Universais e quase-universais.**

A tipologia revela leis de implicação que subjazem à estrutura fonológica – e, aparentemente, à morfológica – das línguas: a presença de *A* implica a presença (ou, ao contrário, a ausência) de *B*. Dessa forma, detectamos, nas línguas do mundo, uniformidades ou quase-uniformidades, como os antropólogos costumam dizer.

Sem dúvida, uma descrição mais exata e exaustiva das línguas do mundo completará, corrigirá e aperfeiçoará o conjunto de leis gerais. Mas seria insano postergar a busca dessas leis até um ulterior alargamento de nosso conhecimento factual. A questão dos universais lingüísticos, e particularmente, fonêmicos, deve ser atacada. Mesmo se, em alguma língua remota, recém registrada, nós pudéssemos encontrar uma peculiaridade desafiando uma dessas leis, isso não invalidaria a generalização traçada a partir do grande número de línguas previamente estudadas. A uniformidade observada torna-se

uma “quase-uniformidade”, uma regra de alta probabilidade estatística. Antes da descoberta do ornitorrinco, na Tasmânia e sul da Austrália, os zoólogos não tinham previsto, nas suas definições gerais de mamíferos, a possibilidade de haver ovíparos; entretanto, essas definições obsoletas permanecem válidas para a esmagadora maioria dos mamíferos do mundo e persistem como importantes leis estatísticas.

Porém, mesmo no presente, a rica experiência da ciência da linguagem nos permite descobrir constantes que dificilmente serão rebaixadas a quase-constantes. Existem línguas em que faltam sílabas com vogal inicial e/ou sílabas com consoante final, mas não existem línguas destituídas de sílabas com consoante inicial ou de sílabas com vogal final. Existem línguas destituídas de fricativas, mas nenhuma desprovida de oclusivas. Não existe nenhuma língua com uma oposição entre oclusivas propriamente ditas e africadas (por exemplo, /t/ e /ts/) sem que tenha também fricativas (tal como /s/). Não existem línguas com vogais anteriores arredondadas, desprovidas das correspondentes posteriores arredondadas.

Além disso, exceções parciais no caso de alguns quase-universais requerem simplesmente uma formulação mais flexível de uma determinada lei geral. Assim, em 1922, fiz notar que o acento dinâmico livre e a oposição independente de vogais longas e breves são incompatíveis dentro do mesmo padrão fonêmico. Essa lei, que explica satisfatoriamente a evolução prosódica do Eslavo e de alguns outros grupos indo-europeus é válida para uma esmagadora maioria de línguas. Uns poucos casos alegados de línguas com acento livre e quantidade livre provaram-se ilusórios: por exemplo, afirmou-se que o Wichita (em Oklahoma) tem ambos, acento fonêmico e quantidade, mas de acordo com o reexame de Paul Garvin (1950), o Wichita é, de fato, uma língua tonal com uma oposição de acento ascendente e descendente até aqui ignorada. Entretanto, essa lei geral requer uma formulação mais cautelosa. Se, em uma língua determinada, coexistem acento fonêmico e quantidade fonêmica, um dos dois elementos é subordinado ao outro, e

são admitidas três entidades distintas, e quase nunca quatro: ou as vogais longas e breves são distinguidas apenas em sílabas acentuadas, ou apenas uma, das duas categorias de quantidade (longa ou breve), pode comportar um acento distintivo livre. E, aparentemente, em tais línguas a categoria marcada não é a vogal longa oposta à vogal breve, mas a vogal reduzida oposta à não reduzida. Eu acredito, com Grammond<sup>17</sup>, que uma regra que requer emendas é mais útil que a ausência de qualquer regra.

## V. Determinismo mórfico.

Uma vez que os “*pontos invariantes de referência para descrição e comparação*” são o ponto focal em tipologia – nisto devemos concordar com Kluckhohn 1953<sup>18</sup> –, aventuro-me a ilustrar esses problemas relativamente novos no campo da lingüística com um paralelo bastante claro, de uma outra ciência.

O desenvolvimento da ciência da linguagem e, particularmente, a transição de um ponto de vista primordialmente genético a uma abordagem fundamentalmente descritiva corresponde admiravelmente às mudanças ocorridas, na mesma época, com outras ciências, particularmente à diferença entre a mecânica clássica e a mecânica quântica. Esse paralelismo parece-me altamente estimulante para a discussão de tipologia lingüística. Cito um artigo sobre Mecânica Quântica e Determinismo apresentado pelo eminente especialista L. Tisza à Academia Americana de Artes e Ciências: a mecânica quântica (e permitam-me acrescentar, a lingüística estrutural moderna) é morficamente determinística, enquanto os processos temporais, as transições entre estados estacionários, são governados por leis estatísticas de probabilidade. Tanto a lingüística estrutural quanto a mecânica quântica ganham em determinismo mórfico o que elas perdem em determinismo temporal. “*Os estados se caracterizam por variáveis inteiras, ao invés de variáveis contínuas*”, enquanto “*de acordo com regras clássicas esses sistemas seriam caracterizados por parâmetros contínuos*”, e “*uma vez que dois números reais empiricamente dados nunca podem ser rigorosamente idênticos, não é surpreendente que a física clássica rechaçasse a idéia de objetos definidos de identidade perfeita*”.

As leis estruturais da linguagem são um objetivo cada vez mais próximo e mais claro, não só da tipologia, mas de toda a lingüística descritiva em sua fase mais recente (como tentei recapitular no obituário que redigi sobre Boas<sup>19</sup>). E ainda que se devam louvar as brilhantes observações de Greenberg e de Kroeber<sup>20</sup> sobre o caráter estatístico de “tipologias diacrônicas” com seus indicadores de direção, a tipologia estacionária deve operar com variáveis integrais em lugar de variáveis contínuas.

Temos evitado a denominação corrente de “tipologia sincrônica”. Se, para os físicos modernos, a *“peculiar interação de uma identidade quase-permanente com uma mudança temporal aleatória parece ser uma característica muitíssimo fundamental da natureza”*, de igual forma o “estático” e o “sincrônico” não coincidem no campo da lingüística. Qualquer mudança pertence, primeiramente, à sincronia lingüística: tanto a antiga como a nova variedade ocorrem contemporaneamente na mesma comunidade de fala, como a mais arcaica e a mais moderna respectivamente, uma pertencente ao estilo mais explícito e a outra ao estilo mais elíptico, como dois subcódigos do mesmo código permutável. Cada subcódigo em si é, para um dado momento, um sistema estacionário governado por leis estruturais rígidas, enquanto a interação desses sistemas parciais exhibe as leis dinâmicas flexíveis de transição de um sistema para outro.

## VI. Tipologia e reconstrução.

O corolário das considerações acima é uma resposta à nossa questão central: como os estudos tipológicos podem contribuir à lingüística histórico-comparativa? Na visão de Greenberg, a tipologia de línguas aumenta *“nosso poder preditivo, dado que, em um determinado sistema sincrônico, certos desenvolvimentos serão altamente prováveis, outros têm menor probabilidade, e ainda outros podem ser praticamente excluídos”*<sup>21</sup>. Schlegel, precursor da lingüística comparativa e da tipologia, descreveu o historiador como um profeta que prediz o passado. Nosso “poder preditivo” em reconstrução ganha suporte dos estudos tipológicos.

Um conflito entre o estado reconstruído de uma língua e as leis gerais que a tipologia descobre torna a reconstrução questionável. No encontro do Círculo Lingüístico de Nova York, em 1949, eu chamei a atenção de G. Bonfante e outros indo-europeístas para alguns desses pontos controversos. A descrição de um Proto-Indo-Europeu monovocálico não encontra suporte nas línguas do mundo conhecidas até aqui. Pelo que sei, nenhuma língua acrescenta uma aspirada vozeada /d<sup>h</sup>/ ao par /t/-/d/, sem ter sua contraparte desvozeada /t<sup>h</sup>/. Em contrapartida, /t/, /d/ e /t<sup>h</sup>/ freqüentemente ocorrem sem o comparativamente raro /d<sup>h</sup>/, e isso é facilmente explicável<sup>22</sup>; portanto, as teorias que operam com os três fonemas /t/, /d/ e /d<sup>h</sup>/ em Proto-Indo-Europeu devem reconsiderar os fundamentos da sua essência fonêmica. A suposta coexistência de um fonema “oclusivo aspirado” com um grupo de dois fonemas – “oclusiva + /h/” (ou outra “consoante laríngea”) – é muito duvidosa à luz da tipologia fonológica. Por outro lado, as visões anteriores ou opostas à teoria laríngea, que não atribuem nenhum /h/ ao Indo-Europeu, estão em desacordo com a experiência tipológica: como regra geral, línguas que possuem os pares vozeado/desvozeado e aspirado/não-aspirado, têm também um fonema /h/. Relacionado a isso, é significativo que naqueles grupos de línguas indo-européias que perderam o /h/ arcaico sem adquirir um novo, as oclusivas aspiradas fundem-se com as correspondentes oclusivas não aspiradas: compare-se a perda de toda diferença entre as aspiradas e não aspiradas no Eslavo, Báltico, Céltico e Tocario, com o diferente tratamento das duas séries em Grego, Hindi, Germânico e Armênio, que em um estágio antigo mudaram para *h* alguns de seus fonemas do trato oral. Ajuda semelhante pode ser esperada da investigação tipológica dos processos e conceitos gramaticais.

Poder-se-ia encontrar uma saída para tais discrepâncias praticando o método de Saussure para a reconstrução de um fonema indo-europeu: “Sem especificar sua natureza fonética, nós poderíamos catalogá-lo e atribuir-lhe um número na tabela dos fonemas Proto-Indo-Europeus”<sup>23</sup>. Atualmente, no entanto, com

a envergonhada redução do sistema de fonemas a um mero catálogo numérico, estamos equidistantes do empirismo ingênuo que sonhava com um registro fonográfico dos sons indo-europeus, e do seu oposto, a relutância agnóstica em investigar os padrões dos fonemas do Indo-Europeu. Abstendo-se da análise estrutural de dois sucessivos estados, não se pode interpretar a transição do primeiro para o segundo, e a fonologia histórica fica irremediavelmente comprometida. Uma aproximação realista a uma técnica reconstrutiva é um caminho retrospectivo de estado a estado, e uma análise estrutural de cada um desses estados com relação às evidências tipológicas.

Mudanças em um sistema lingüístico não podem ser compreendidas sem referência ao sistema que as sofre. Essa tese, debatida e apoiada pelo Primeiro Congresso Internacional de Lingüistas, quase trinta anos atrás<sup>24</sup>, hoje é amplamente aceita (veja-se a recente e impressionante discussão sobre a relação entre lingüística sincrônica e diacrônica na Academia de Ciências da URSS).<sup>25</sup> As leis estruturais do sistema restringem o repertório de possíveis transições de um estado para outro. Essas transições são – devo repetir – uma parte do código lingüístico total, um componente dinâmico do sistema lingüístico inteiro. Pode-se calcular a probabilidade de transição, mas é extremamente difícil encontrar leis universais que dêem conta desses eventos temporais. O tratamento quantitativo de Greenberg à tipologia diacrônica é um método promissor para examinar a relativa consistência das direções e tendências de mudanças, a proporção e a distribuição entre mutação e imutabilidade. Desse modo, a evolução convergente e divergente de línguas aparentadas ou de línguas vizinhas fornece rica informação, importante para a pesquisa histórico-comparativa. Com isso, destruiu-se o mito de que a mudança ou a permanência dependem do caráter fortuito de uma evolução cega e a esmo.<sup>26</sup> A permanência, estática no tempo, torna-se um problema concernente à lingüística diacrônica, enquanto a dinâmica, como a interação de sub-códigos dentro da totalidade da língua, torna-se uma questão crucial de lingüística sincrônica.

## Observações finais

Nos seus primeiros estágios, o desenvolvimento da lingüística descritiva foi acompanhado por um receio de comparação: o pesquisador tendia a confinar-se à interpretação intrínseca de uma determinada língua. Isso foi uma saudável reação contra a tradição de superpor um modelo extrínseco sobre línguas heterogêneas. O princípio de autonomia, no entanto, não deve degenerar em isolacionismo. *A ciência de uma língua é apenas uma amostra dentro da ciência das línguas.* Por sua vez, *a ciência das línguas*, comparativa por sua própria natureza, está correlacionada com a *ciência da linguagem*, que busca descobrir leis lingüísticas gerais. Uma disciplina implica ou presupõe a outra. A tipologia lingüística é uma inferência da ciência das línguas para a ciência da linguagem.

Como qualquer disciplina lingüística, a tipologia das línguas procura o invariante dentro da variação. O número de categorias gramaticais ou traços distintivos e suas combinações é restrito, de modo que as línguas são confinadas a um número limitado de tipos estruturais (gramaticais ou fonológicos). A hipótese de uma configuração geral universal é corroborada pelo conhecimento permanentemente ampliado da ciência das línguas. O mesmo princípio de distribuição complementar que a fonologia aplica a diferentes ambientes fonéticos, aplica-se, na pesquisa tipológica, a diferentes línguas: oposições distintivas que, pelo que sabem os lingüistas, nunca coexistem em uma mesma língua e que exibem uma propriedade fonética comum devem ser consideradas como diferentes implementações de um mesmo traço distintivo. Por exemplo, uma vez que não existem fonemas consonantais que comportem, ao mesmo tempo, as distinções arredondado/não-arredondado e faringalizado/não-faringalizado, essas distinções podem ser interpretadas como duas realizações do mesmo traço: abaixamento nos componentes de mais alta freqüência, devido ao aumento do orifício anterior ou posterior da cavidade bucal (lábios ou faringe). A distinção entre fonemas e alofones, em um nível *intra-língua*, ou entre

oposições fundamentais e suas várias implementações locais em um nível *inter-línguas* – em síntese, a extração de invariantes – não visa ocultar as variações.

O progresso das tipologias fonológica e gramatical é importante para a teoria geral da linguagem e, do mesmo modo, para as lingüísticas histórica e areal. Um esforço coletivo coordenado de especialistas nos mais variados grupos de línguas é necessário para esse progresso: de acordo com a proposição de Meillet, materiais estritamente comparáveis e, especificamente, um grande número de respostas a um mesmo questionário acerca da estrutura das línguas, deve ser produzido em conjunto e disponibilizado aos pesquisadores.

A verificação tipológica aumenta a probabilidade de reconstruir padrões fonêmicos e morfológicos, e permite transformar a reconstrução, de um mero catálogo numérico, em um retrato mais realístico do sistema lingüístico. Não obstante as temerárias tentativas de detectar uma língua moderna do Norte do Cáucaso sem diferenças fonêmicas vocálicas, a atribuição de um *status* mono-vocálico ao Proto-Indo-Europeu contradiz nosso conhecimento fonêmico até o presente.<sup>27</sup> De modo semelhante, não têm sido encontradas línguas que oponham  $C^h$  a  $C + /h/$ , para corroborar a alegada coexistência de oclusivas aspiradas e grupos consonantais de “oclusiva +  $/h/$ ” em um estágio do Proto-Indo-Europeu. Os dados empíricos acumulados por lingüistas também são suficientes para refutar a conjectura de um padrão Proto-Gilyak não contendo nenhuma oclusiva e tampouco fricativas, senão apenas africadas, que mais tarde se teriam dividido em oclusivas e fricativas.<sup>28</sup> A hipótese glotogônica – sobre a origem da linguagem<sup>29</sup> – reivindicando a prioridade dos clicks é contradita pela experiência: a maioria das línguas do mundo não possui clicks, enquanto consoantes não-clicks são universais; e de acordo com as observações de P. de V. Pienaar,

os clicks são os últimos fonemas adquiridos pelas crianças Bantu e Hottentot, e em contos de fadas no Hottentot, a fala dos animais, normalmente representada como um *baby talk*, é destituída de clicks.

A tradicional comparação de línguas com o jogo de xadrez não deve ser superestimada.<sup>30</sup> Por concordância mútua, jogadores de xadrez podem substituir qualquer peça perdida por qualquer outro objeto, mas nenhum elemento de um sistema lingüístico pode ser arbitrariamente substituído, e a escolha de um substituto está longe de ser realmente indiferente. Não apenas as regras do jogo, mas também as regras de substituição governam a estrutura da linguagem, uma vez que seus constituintes são limitados por inalteráveis leis de implicação e incompatibilidade.

## Notas

1. A. Sommerfelt (1928), "Loi phonétique", *Norsk Tidsskrift for Sprogvidenskap*, I, p. 10-21.
2. R. Jakobson (1941), "Kindesprache, Aphasie und allgemeine Lautgesetze", *Sprakvetenskapliga Sällskapets Förhandlingar*, 1940-1942 (e separata). Uppsala, 1941 [N.T.: acessível em *Selected Writings I — Phonological Studies*, p. 328-401. The Hague: Mouton, 1962].
3. M. Mead, *Cybernetics: Circular Causal and Feedback Mechanisms in Biological and Social Systems (Transactions of the Eighth Conference)*, ed. H. von Foerster, M. Mead & H.L. Teuber. Nova York: Josiah Macy Jr. Foundation.
4. R. Jakobson (1956), "Linguistics and Poetics", publicado por primeira vez em T.A. Sebeok (ed.), *Style in Language*. Cambridge/Mass.: MIT Press, 1960 [N.T.: em Português, "Lingüística e Poética" compõe a coletânea de Jakobson intitulada *Lingüística e Comunicação*. São Paulo: Cultrix, 1975].
5. N.T.: Jakobson refere-se à distinção, feita por lógicos, entre "língua objeto", que fala de objetos, e "metalinguagem", que fala da própria linguagem.
6. E. Sapir, *Language*. Nova York, 1921 — cap. VI (N.T.: em português: *A Linguagem: introdução ao estudo da fala*. Trad. Mattoso Câmara Jr. 1ª ed.: Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1954. 2ª. ed.: São Paulo: Perspectiva, 1980).
7. NT: Hermann Paul, 1880. Em Português: *Princípios fundamentais da história da língua*. Tradução de Maria Luisa Schemann. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1970.
8. NT.: no original, em francês: "jusqu'où la typologie peut égarer un bon linguiste".
9. C.E. Bazell (1949), "Syntactic Relations and Linguistic Typology", *Cahiers Ferdinand de Saussure* 8, p. 5-20.
10. T. Milewski (1953), "Phonological Typology of American Indian Languages", *Lingua Posnaniensis* 4, p. 229-276.
11. J. Greenberg (1954), "A quantitative approach to the morphological typology of language", in R.F. Spencer (ed.), *Methods and perspectives in Anthropology: Papers in honor of Wilson D. Wallis*. Minneapolis: University of Minnesota Press, p. 192-220).
12. J. Greenberg (1957a), *Essays in Linguistics* (cap. IV), Chicago: University of Chicago Press; e J. Greenberg (1957b), "The nature and uses of Linguistic Typologies", *International Journal of American Linguistics* 23, p. 68-77.

13. P. Menzerath (1950), "Typology of Language", *Journal of American Statistical Association* 22, p. 698-701.
14. F. de Saussure (1916), *Cours de Linguistique Générale*.
15. N.T.: Jakobson distingue, dentro do sistema fonológico, o componente constituído exclusivamente dos fonemas, em seu arranjo opositivo. A esse componente ele reserva o adjetivo "fonêmico" [cf. Jakobson 1972:105]. Não há coincidência, no entanto, com o limitado sentido de inventário de fonemas que o mesmo termo ganha no modelo distribucionalista da Fonêmica.
16. J. Greenberg (1957b) p. 71 (N.T.: ver nota 12, acima).
17. NT.: Maurice Grammond, lingüista francês (1866-1946).
18. C. Kluckhohn (1953), "Universal categories of culture", in A. Kroeber (ed.), *Anthropology today*. Chicago: University of Chicago Press, p. 507-523.
19. R. Jakobson (1944), "Franz Boas' approach to language", *International Journal of American Linguistics* 10, p. 194ss.
20. A.L. Kroeber (1954), *Methods and perspective in anthropology*; Papers in honor of Wilson D. Wallis, p. 294ss.
21. J. Greenberg (1957), "The nature and uses of linguistics typologies", *International Journal of American Linguistics* 23, p. 68-77.
22. R. Jakobson & M. Halle (1956), *Fundamentals of language*. The Hague: Mouton, p. 43ss.
23. F. de Saussure, *Cours*, p. 259.
24. "Quelles sont les méthodes les mieux appropriées à un exposé complet et pratique de la phonologie d'une langue quelconque?". *Actes du 1<sup>er</sup> Congrès International de Linguistes*, 1928, p. 33ss.
25. *Tezisy dokladov na otkrytom rasshirennom zasedanii učenogo soveta, posvjaščennom diskussii o sootnošenii sinxronnogo analiza i istoričeskogo issledovanija jazyka*. Moscou: Akademija Nauk URSS, 1957.
26. F. de Saussure, *Cours*, p. 271.
27. Ver A.H. Kuipers (1960), *Phoneme and Morpheme in Kabardian*. The Hague: Mouton.
28. R. Jakobson (1957), "Notes on Gilyak". Ver *Selected Writings* II, p. 79-97.
29. Ver J. van Ginneken (1907), *Principes de linguistique psychologique*. Paris.
30. Ver F. de Saussure 1966:22-23, 88, 110.



## Sobre o autor

Roman Ossipovich Jakobson (РОМАН ОСИПОВИЧ ЯКОБСОН) nasceu em Moscou, em outubro de 1896. Estudou no Instituto de Línguas Orientais da Universidade de Moscou e contava menos de 20 anos quando participou da criação do Círculo Lingüístico de Moscou (1915), no qual teve atuação destacada. Também participando da Sociedade de Estudos da Linguagem Poética (ОПОИАЗ), criada em São Petesburgo (1916), Jakobson foi um dos expoentes da primeira fase da escola de crítica literária que ficou conhecida como dos “Formalistas Russos”. O próprio Jakobson deixou claro que a poética o levou à lingüística. De 1920 a 1939 viveu e lecionou na então Tcheco-Eslováquia, onde participou da fundação do Círculo Lingüístico de Praga (outubro de 1926), do qual se tornaria, igualmente, um dos expoentes. Em 1928 redigiu a Proposição ao I Congresso Internacional de Lingüistas, em Haia – que foi subscrita também por Trubetzkoy e Karcevskij – que pode ser vista como marco inicial da divulgação das concepções inovadoras do Círculo. Sua produção intelectual é vastíssima (seus Selected Writings ocupam 9 densos volumes), dizendo respeito, além da Poética, aos mais variados campos da investigação lingüística. No campo

da Fonologia Histórica, que praticamente inaugurou, destacam-se seus *Remarques sur l'évolution phonologique du russe* (de 1929) e o aqui publicado, *Prinzipien der historischen Phonologie* (1931). Em 1938 apresentou seu primeiro esboço da teoria dos traços distintivos, uma consequência das concepções que compartilhava com Trubetzkoy. Fugindo ao nazismo, Jakobson migrou para a Dinamarca e dali para a Noruega (1939), depois para a Suécia (1940) e, finalmente, para os Estados Unidos (1941), onde lecionou, primeiramente, na *École des Hautes Études*, em Nova York (ali, teve a audiência de Claude Lévi-Strauss e Mattoso Câmara Jr, entre outros nomes proeminentes). Lecionou, depois, nas Universidades de Colúmbia, Harvard e no MIT (a partir de 1957). Roman Jakobson faleceu em Cambridge/MA, em julho de 1982.

O editor



Clássicos  Acadêmicos

Este pequeno livro reúne dois formidáveis  
ensaios de Roman Jakobson:

Princípios de Fonologia Histórica

Os estudos tipológicos e sua contribuição  
à Lingüística Histórico-Comparativa

Роман Якобсон

*editora*  
Curt  imuendajú

ISBN 978-85-9944-11-0



9 788599 194411 0